



“Histórias do Trabalho no Sul Global”

“Historias del Trabajo en el Sur Global”

“Labour Histories from the Global South”

I Seminário Internacional de História do Trabalho

V Jornada Nacional de História do Trabalho

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

25-28 de Outubro de 2010

Cooperativas de trabalho com lixo no Brasil e nos Estados Unidos: uma perspectiva histórica comparada¹

Antônio de Pádua Bosi²

Resumo:

Considerando a realidade de países da América Latina, África e Ásia, as cooperativas de catadores têm funcionado como meio de organizar a exploração de trabalhadores desabilitados para o trabalho formal. No contexto da crescente e acelerada destruição das leis de proteção ao trabalho nesses últimos 30 anos práticas e modalidades de trabalho informal e precário como a catação de recicláveis têm avançado. Apesar disto, são muitos os que se entusiasmam com a organização do trabalho informal e interpretam-na como solução para a diminuição dos empregos formais. Também veem nessas cooperativas uma iniciativa autônoma dos trabalhadores que supostamente passariam a controlar seu próprio

¹ Este texto divulga resultados parciais da pesquisa *A organização capitalista do trabalho “informal”*, desenvolvida com apoio da Fundação Araucária/PR por meio de Bolsa Produtividade em Pesquisa, e com apoio material e financeiro do CNPq. Ele é parte também dos resultados do pós-doutorado realizado durante o ano de 2009.

² É professor nos cursos de graduação e mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, bolsista produtividade em pesquisa da Fundação Araucária/PR.

trabalho. Sem desativar estas possibilidades históricas investigamos as trajetórias de cooperativas de catadores no Brasil e identificamos que sua característica predominante reside em dissimular a exploração capitalista (exercida pela indústria da reciclagem) e reforçar a taxa média geral de exploração sobre o trabalho, já que a renda e os direitos sociais são inferiores relativamente às ocupações formais. A comparação direta dessa realidade com uma cooperativa de garis nos Estados Unidos fundada no início do século XX possibilitou encontrar muitas aproximações, principalmente no que se refere à caracterização dessa ocupação como uma alternativa para trabalhadores de reduzido repertório profissional. Assim, se no Brasil os catadores são majoritariamente trabalhadores de baixa escolaridade e com trajetórias marcadas por ocupações informais e precárias, nos Estados Unidos tal atividade foi inicialmente dominada por imigrantes italianos sem traquejo com a língua inglesa e desprovidos de habilidades profissionais ligadas às ocupações tipicamente urbanas. É sobre esta e outras questões que trata esta comunicação.

Em *Collecting Garbage* o sociólogo Stewart Perry discute como a condição de “trabalhador-proprietário” vivida numa cooperativa torna atrativa uma ocupação de baixo prestígio social. Este ponto é valioso para os estudos no Brasil e restante da América Latina que têm se debruçado sobre o potencial de cooperativas de trabalho, principalmente porque nestas últimas três décadas muitos governos converteram-se à ideia de que o trabalho informal é uma solução de longo prazo para o crescimento econômico e a pobreza (Moser, 1994; Breman, 2009). Neste sentido, um importante ponto levantado por Stewart Perry diz respeito à existência, nos Estados Unidos, de uma cooperativa de garis alicerçada na década de 1910 cuja expectativa de direitos trabalhistas constituiu-se relativamente à própria cooperativa e não ao Estado.

Stewart Perry pesquisou o universo da *Sunset Scavenger* durante o período de 1966 a 1977. Foram visitas intermitentes que lhe possibilitaram observar a rotina do trabalho dos garis e realizar 23 entrevistas com sócios da cooperativa. Sua narrativa propõe uma comparação entre a realização da coleta de lixo na cidade de São Francisco, no começo do século XX, e o desenrolar da estruturação de cooperativas de garis,

principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Ao que parece, naquela cidade não chegou a ser constituído um serviço público de limpeza. Tudo era feito por um grande número de negociantes independentes (Perry, 1998, p.15):

um cavalo, uma carroça e uma arma integravam o equipamento básico de muitos garis em São Francisco antes da organização da *Sunset Company*. A competição entre os garis era feroz e agressiva. Diversos proprietários com suas carroças recolhiam lixo num mesmo quarteirão.

Neste contexto, portar armas deixava os garis seguros, já que eles negociavam em dinheiro. Também em função disso, por volta de 1912, a prefeitura de São Francisco passou a legislar e organizar a coleta de lixo, dividindo a cidade em distritos de modo a conceder a exploração deste serviço para empresas privadas, incluída a cooperativa *Sunset Scavenger*. Completando o quadro precário dessa atividade pesava o fato de ser dominada por imigrantes italianos, recém chegados na cidade, sem traquejo com a língua inglesa e desprovidos de habilidades profissionais ligadas às ocupações tipicamente urbanas.

No começo organizaram-se 92 sócios para formar a *Sunset*, chegando ao número de 320 em 1966. Neste mesmo ano, além dos sócios, contava-se ainda cerca de 120 trabalhadores distribuídos entre o escritório, guincho e reparos para os caminhões de lixo. A cooperativa foi transformada em corporação no ano de 1973, sob o nome de *Envirocal Inc*, quando passou a operar também com o manejo de resíduos sólidos. Atendiam aproximadamente 160 mil pontos (entre residências e comércios), conseguindo um faturamento de 6 milhões de dólares anuais. Contudo, essa evolução não foi natural. A transformação de uma cooperativa de trabalho em companhia parece ter sido motivada e possibilitada pelo contexto da Depressão de 1929, por mudanças tecnológicas no trato do lixo e pela formalização de um contrato de coleta de resíduos de longo prazo com a prefeitura de São Francisco.

Apoiado em entrevistas de antigos garis da *Sunset Scavenger*, Stewart Perry considerou que durante a Depressão “eles ganhavam muito dinheiro porque estavam em melhor posição que outros trabalhadores durante a Depressão” (Perry, 1998, p.35). Embora naqueles tempos a renda média de um gari ficasse abaixo do salário médio nacional (a primeira girava em torno de 6 a 8 dólares por semana, enquanto o segundo ficava entre 14 e 15 dólares), num quadro de desemprego os trabalhadores da *Sunset* conseguiram sobreviver e poupar recursos que foram investidos no incremento e expansão

da cooperativa. Foi especialmente a partir desse período que caminhões substituíram as antigas carroças, e um escritório equipado com calculadoras IBM passou a emprestar maior racionalidade aos negócios da cooperativa. A *Sunset* valorizou-se e cada trabalhador viu o preço de sua “ação” multiplicar-se. Quando Stewart Perry reencontrou alguns de seus entrevistados em 1997, a renda anual média havia atingido 40 mil dólares.

Apesar da trajetória da *Sunset* ser bem documentada, o livro carece de uma análise sobre o modo de vida desses garis. Isto favoreceria uma avaliação mais apurada sobre a relação entre ocupação de baixo prestígio social e a constituição da identidade centrada no trabalho, particularmente no que se refere ao orgulho e à satisfação nesta profissão. Para o autor, tais sentimentos parecem estar ligados estritamente ao fato de serem sócios-proprietários e aos benefícios proporcionados pelo pagamento recebido e pela perspectiva da aposentadoria. Isto não é pouca coisa se consideramos que nestas três últimas décadas muitos direitos sociais têm sido sistematicamente espancados numa via cujo horizonte mais provável é seu desaparecimento. Mas trata-se de um tipo de orgulho que não é originado pelo trabalho. Ser gari na *Sunset* desde o início do século passado esteve associado à intensificação e superexploração do trabalho.

Lenny Stefanelli, presidente da *Sunset* durante 1960 e 1970, assegurou a Stewart Perry que este tipo de trabalho envelhece um homem muito rapidamente: “Olhe alguns dos homens nos caminhões e verá que eles parecem ter 70 anos, embora eles tenham somente 50” (Perry, 1998, p.35). Não há dúvidas de que a deterioração física desses trabalhadores tem sido causada por uma forte e intensa carga de trabalho. Em grande parte a rotina de um gari da *Sunset* foi alterada pela introdução de novas tecnologias que pouparam o uso da força de trabalho, a exemplo do sistema automático de cobrança e de caminhões basculantes. Mas, de modo geral, o aumento do consumo nas residências tornou o volume de lixo per capita cada vez maior, repercutindo na intensidade das tarefas dos garis à medida que eles tornaram-se responsáveis por um determinado número de quarteirões contendo residências e lojas.

Esse foi um dos raros momentos em que Stewart Perry admitiu a precariedade dessa ocupação, pois sua visão sobre a *Sunset* é amplamente positiva no livro. Ele comemora o modelo de trabalhadores-proprietários como solução para a economia estadunidense concluindo inequivocadamente que (Perry, 1998, p.258)

os garis da *Sunset*, seus sucessores e parceiros, têm recursos incomuns para reinventar a si mesmos. Eles lutam para aproveitar as oportunidades abertas para eles e é nisto que certamente devemos estar engajados.

Em boa dose, este raciocínio lembra (mesmo que não seja esta a intenção do autor) a antiga ideologia do pequeno empresário que “fez a América”, criticada por Wright Mills (1976). Os relatos de garis da *Sunset* corroboram esta ideia sem, contudo, disfarçar a realidade vivida no trabalho. São, principalmente, dois os elementos que contraditam esta percepção de Stewart Perry. O primeiro, evidencia que o trabalho na *Sunset* é sujo e difícil. Algumas piadas dos próprios garis naturalizam esta dimensão do trabalho: “Eu tenho tantos germes sobre meu corpo que eles brigam entre eles para conseguir espaço” (p.99), contou Lenny Stefanelli a Perry sobre uma conversa com uma cliente preocupada com a saúde do gari.

Além disso, recolher o lixo em residências implica carregar pesados latões presos às costas ao longo de três andares, fazendo mais de uma viagem numa trilha de 200 a 300 degraus em escadas estreitas. Despejar o lixo nos latões, e depois nos caminhões, oferece riscos devido à manipulação de vidro, ferro e outros materiais cortantes. E os garis não deixam de reclamar do odor dos resíduos orgânicos em decomposição que impregnam as roupas, o corpo e a memória.

O segundo elemento reside na formação de uma mão-de-obra empregada pela *Sunset*. Perry a denomina de “trabalhadores não-proprietários”, “parceiros” ou “ajudantes”. Não possuem direito à divisão dos rendimentos da *Sunset*. Recebem salário composto por hora trabalhada referida a valor inferior ao que é pago para os sócios, e Stewart Perry não informa se existe algum benefício social para eles. O atrativo para esses ajudantes submeterem-se a tal ocupação repousa na perspectiva de tornarem-se sócios, já que as ações devem ser vendidas preferencialmente para os ajudantes. Dois óbices tornam isto praticamente inviável. As ações não são exatamente acessíveis financeiramente. Até 1997 elas chegaram a valer algumas dezenas de milhares de dólares. Além disso, a *Sunset* tem optado por comprar ela mesma as ações eventualmente disponíveis quando um gari morre ou decide desfazer-se de sua parte. Isto acontece porque, conforme esclarece o autor, “a venda teria o efeito de aumentar o custo do trabalho, substituindo um salário de ajudante que é menor por um salário de sócio que é maior” (Perry, 1998, p.174). Esta é uma das características mais relevantes no processo de constituição da *Sunset Scavenger*,

embora não seja vigorosamente explorada pelo autor. Poucas vezes ele toca neste assunto, mas deixa claro que a diferença de pagamento entre proprietários e não-proprietários seria a principal reclamação feita pelos ajudantes. Em 1968, por exemplo, a hora trabalhada pelos sócios era de 6,20 dólares, enquanto para os demais o valor oscilava entre 4,70 e 5,12 dólares.

Cabe indagar se algumas cooperativas brasileiras terão trajetórias semelhantes a da *Sunset*, por exemplo. Talvez este cenário possa ser realizado por algumas poucas cooperativas que contam com condições peculiares. Escoradas no fortalecimento da legislação que valoriza a reciclagem do lixo, há cooperativas que são atendidas por linhas de crédito para adquirir equipamentos, e por parcerias com empresas públicas e privadas que lhes fornecem recicláveis (especialmente papel usado e copos descartáveis). Além disso, há também cooperativas que conseguem contratos de prestação de serviços com prefeituras para a realização da coleta seletiva.

Nessas condições o patrimônio de uma cooperativa torna-se considerável (mesmo nos casos em que, devido a empréstimos contraídos para a aquisição de bens de produção, o patrimônio líquido de curto prazo seja negativo). Galpões, prensas, empilhadeiras, caminhões, usinas de trituração de Politereftalato de etileno (PET), computadores etc., são meios de produção que diferenciam significativamente a situação de catadores cooperados e catadores avulsos no Brasil. Aliás, em muitas cooperativas os catadores deixaram de ser “catadores” *stricto sensu* à medida que param de catar recicláveis e têm seu trabalho circunscrito à cooperativa – às atividades de triagem e preparo do material. E em diversas situações observadas na realidade brasileira, as cooperativas que estabelecem este padrão de organização do trabalho tornam-se compradoras de material reciclável recolhido por catadores individuais (que não são cooperados), de modo a reproduzir relação similar que os milhares de depósitos de recicláveis espalhados pelo país têm com os catadores, isto é, a compra (exploração) do resultado do trabalho desses catadores (Bosi, 2009).

Outro paralelo diz respeito às trajetórias dos sócios da *Sunset* e dos catadores no Brasil. Os primeiros chegam a se aposentar e recebem da *Sunset*, além do equivalente à aposentadoria, dividendos referentes aos lucros da companhia. Algumas cooperativas brasileiras tentam se aproximar deste modelo à medida que criam um fundo financeiro comum direcionado ao pagamento de valor correspondente à contribuição individual e autônoma para o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Mas não encontrei casos

de catadores que tenham se aposentado desse modo (embora existam aposentados e pensionistas trabalhando como catadores para complementar suas rendas). Ao contrário, a tendência é de interrupção do fluxo desse tipo de fundo financeiro sempre que a receita das cooperativas diminui (o preço dos materiais recicláveis pode flutuar bastante porque depende do mercado internacional e da política cambial brasileira), o que tem sido comum desde que as cooperativas de catadores foram organizadas no final dos anos 1980 (Bosi, 2008).

No caso do Brasil, o trabalho dos catadores (cooperados ou não) está articulado a uma poderosa indústria de reciclagem. Reciclar é um negócio altamente lucrativo para o capital. Considerando apenas a reciclagem de materiais plásticos no ano de 2003 (CEMPRE, 2005), a quantidade reciclada no Brasil (16,5%) só foi menor do que na Alemanha (31,1%) e na Áustria (19,1%). No caso da reciclagem de latas de alumínio, o índice verificado no Brasil gira em torno de 95% (2007), o maior do mundo. De acordo com a Associação Brasileira do Alumínio, somente em 2004 foram recicladas aproximadamente nove bilhões de latinhas (CEMPRE, 2005a). O faturamento no setor de papel reciclado no ano de 2002 ultrapassou os três bilhões de reais (CEMPRE, 2003). Com relação à reciclagem de plásticos, o faturamento superou 1,22 bilhão de reais em 2004 (CEMPRE, 2005c).

Tudo isto está apoiado no trabalho dos catadores, integrando uma relevante cadeia produtiva. São aproximadamente 1 milhão de catadores no país. Talvez pouco mais de 10% estejam organizados em cooperativas e a maioria destas não segue o modelo comentado e ilustrado acima. Aliás, quando se fala em cooperativa de catadores no Brasil é preciso considerar um conjunto bastante complexo de organizações e definido por diferentes práticas.

Há cooperativas “informais” que não têm registro cartorial, mas são chamadas assim porque representam o lugar onde os catadores depositam, selecionam e vendem o material coletado (encontrei este tipo de cooperativa organizada sob os viadutos próximos da sede do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis, no bairro Liberdade, em São Paulo). O trabalho não é parcelado e cada catador recebe o correspondente ao que produz, isto é, ao peso dos materiais que recolheu e selecionou. No caso dessas “cooperativas”, o ponto positivo alegado pelos catadores que as constituem reside no grau de autonomia que disseram possuir frente às prefeituras e aos depósitos compradores do

material reciclável, que pagam preços melhores porque a quantidade de material vendida é maior.

Há também cooperativas formadas por prefeituras (que são majoritárias) e geralmente estão localizadas em pequenas e médias cidades. Nesses casos, os catadores têm pouco ou nenhum protagonismo nas decisões, uma vez que a organização do trabalho é comandada por agentes públicos. Geralmente os catadores são cadastrados como tais e recebem um carrinho da prefeitura, “etiquetado” com o nome do Programa em questão: “coleta solidária”, “coleta seletiva”, “agentes ambientais” etc. Como forma de pagamento pelo trabalho eles ganham uma cesta básica por mês, acrescida de uma quantia em dinheiro correspondente à pesagem do material coletado individualmente.

Há ainda cooperativas organizadas pelos donos de depósitos, que apenas disfarçam a relação de trabalho existente entre eles e os catadores. E existem cooperativas que se julgam baseadas na adesão voluntária e na participação dos associados nas decisões (algumas ainda adicionam a este perfil a independência frente aos compradores).

Considerando a realidade de países da América Latina, África e Ásia, mais do que nos Estados Unidos, as cooperativas de catadores têm funcionado como meio de organizar a exploração de trabalhadores que, há muito tempo, estão desabilitados para o trabalho investido de direitos sociais. Tem sido no contexto de uma crescente e acelerada destruição das leis de proteção ao trabalho nesses últimos 30 anos que práticas e modalidades de trabalho informal e precário como a catação de recicláveis têm avançado³. Apesar disto, são muitos os que se entusiasmam com a organização do trabalho informal e interpretam-na como solução para a diminuição sistemática dos empregos que tem sido causada por seguidas crises do capitalismo. A *Sunset* foi constituída, em alguma medida, neste contexto, mas fez-se também a partir do estigma de lidar com lixo e da conversão de trabalhadores em proprietários do próprio negócio. Pode-se dizer que houve pouca concorrência na estruturação inicial da coleta de lixo como negócio nos Estados Unidos (considerada como um trabalho “sujo”). Lá, fazer dinheiro do lixo, inclusive por meio da reciclagem (Zimring, 2009), foi uma atividade historicamente restrita aos imigrantes pobres e, portanto, menos congestionada de trabalhadores do que outras (principalmente

³ Estimativas da OMC e da OIT sobre o ano de 2008 (WTO & ILO, 2009, p.27) apontam que os trabalhadores em situação de informalidade compreendem mais da metade da força de trabalho na América Latina e África e quase 80% na Ásia Subsariana (o recorde ficou por conta da Índia, que registrou 93,2%).

porque era vista como trabalho sujo e difícil). Mas não foi uma dinâmica comum a toda classe trabalhadora. Em regra, a forma disseminada foi a de empresas organizadas pelo capital. A escalada da *Sunset* parece ter sido única, e limitou-se ao número de sócios que a construíram. A contratação de ajudantes é uma evidência de que seu funcionamento também se tornou dependente da exploração de trabalho alheio.

No caso do Brasil, a característica predominante do trabalho dos catadores é a precariedade. A grande maioria trabalha individualmente, às vezes com a participação da família (cônjuge, filhos, sobrinhos). Antes disto, até as décadas de 1970 e meado de 1980, o material reciclável, principalmente papel, ferro e garrafas de vidro, era recolhido nos lixões, selecionado e entregue no mesmo dia para os donos de depósitos. Para estes catadores os meios de produção pouco evoluíram desde que eles estenderam seu raio de ação para além dos lixões e aterros sanitários, alcançando as ruas, residências e lojas. Atualmente, o catador avulso percorre a cidade disputando espaço no trânsito, geralmente empurrando um carrinho improvisado com peças recicladas, ou contando com uma bicicleta ou cavalo para puxá-lo.

Esta situação foi verificada noutros países da América Latina. Maria Fernanda Scurra observou que, na Argentina,

A maioria [dos catadores] dispõe de carrinho puxado à mão ou carrinho puxado por bicicleta; em número menor – e ao mesmo tempo representando os extremos mais opostos – encontram-se aqueles que realizam a tarefa caminhando, só contando com um saco, e ainda os que têm uma carroça puxada a cavalo. (Scurra, 1997, p.148-147)

Na Colômbia, em estudo pioneiro sobre os catadores, Chris Birkbeck (1978) também encontrou condições semelhantes de trabalho no lixão na cidade de Cali. Ressaltou, principalmente, que os catadores estavam submetidos aos compradores do material recolhido por eles. Trabalhavam como “operários numa fábrica”:

Eles podem estar numa posição de decidir quando trabalhar e quando não trabalhar, mas o fator crucial é o controle sobre os preços dos materiais, e este controle pertence decididamente aos compradores industriais. (Birkbeck, 1978, p.1174)

Por fim, nestes contextos, o desenvolvimento de uma experiência como a *Sunset* no Brasil parece pouco provável, excetuando, talvez, cooperativas já estruturadas que,

como destaquei noutra lugar, contam com linhas de crédito para adquirir equipamentos, com parcerias junto a empresas públicas e privadas que lhes fornecem recicláveis, e com contratos estabelecidos junto a prefeituras para a coleta seletiva de lixo. Mas a tendência geral não tem sido esta. Noutra direção, a criação de cooperativas de catadores sob a enorme pressão da indústria de recicláveis no Brasil vem contribuindo para dissimular a exploração capitalista e reforçar a taxa média geral de exploração sobre o trabalho, já que a renda e os direitos sociais são inferiores relativamente às ocupações formais.

Mais provável é que a distinção entre *partners* (sócios) e *helpers* (ajudantes) encontrada por Perry na *Sunset* seja cada vez mais análoga à situação de milhares de catadores no Brasil que vendem o resultado de seu trabalho para cooperativas. E também se configura progressivamente robusta a hipótese de que as cooperativas de catadores tendem a ser tomadas como uma forma de substituir a modalidade de trabalho investido de direitos, sendo convertidas em solução para o desemprego e a desocupação econômica. Contudo, estas são questões a serem examinadas com maior profundidade investigativa e empírica.

REFERÊNCIAS:

- BIRKBECK, CHRIS. "Self-Employed Proletarians in an Informal Factory: The Case of Cali's Garbage Dump". **World Development**. Vol. 6, No. 9/10, pp. 1173-1185, 1978.
- BOSI, A.P. "Construção da identidade de catadores de recicláveis: relações de trabalho, estado e discriminação". **4º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais: Políticas Sociais na América Latina**. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2009. Disponível em: <<http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario4/>>
- _____. "A organização capitalista do trabalho 'informal': o caso dos catadores de recicláveis". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 23 (67), pp.101-116, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php/>>
- BREMAN, Jan. "Mith of the global safety net". **New Left Review**, n.59, London, September-October, 2009, p.29-36.
- CEMPRE. "O avanço da reciclagem no Brasil". Disponível em: <<http://cempre.org.br/>>. 2005. Acesso em 17 nov. 2005.
- _____. "Latas de Alumínio: o mercado pra reciclagem". 2005b. Disponível em: <http://cempre.org.br>. Acesso em: 17 de nov. 2005.
- _____. "A reciclagem de papel e papelão no Brasil". Disponível em: <http://cempre.tecnologia.ws/>. 2003. Acesso em 12 fev. 2008
- _____. "Cempre conclui segunda edição dos microcenários setoriais sobre reciclagem no Brasil". <http://cempre.tecnologia.ws/>. 2005c. Acesso em 12 fev. 2008.

MILLS, C.W. “O Mundo do Pequeno Empresário”. **A Nova Classe Média**. 2º ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p.25-33.

MOSER, C.O.N. “The Informal Sector Debate, Part 1: 1970-1983”. In RAKOWSKI, C.A. **The Informal Sector Debate in Latin America**. Albany: State University of the New York Press, 1994, p.11-30.

PERRY, Stewart E. **Collecting Garbage: dirty work, clean jobs, proud people**. New Brunswick (USA): Transaction Publishers, 1998, 286p.

SCURRA, Maria F. **Sobrevivendo do Lixo: população excedente, trabalho e pobreza**. 1997. 240 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WTO/ILO. **Globalization and Informal Jobs in Developing Countries: a joint study of the International Labour Office and the Secretariat of the World Trade Organization**. Genebra/CH: World Trade Organization Publications, 2009.

ZIMRING, Carl A. **Cash for your Trash**. Scrap recycling in America. New Brunswick (USA): Rutgers University Press, 2009.